

Serpa Actor Rui "Espiga"

morre aos 31 anos

Rui Espiguinha Garcia – o "Espiga" – faleceu na madrugada de sexta-feira para sábado no hospital de Beja, vítima de cancro. Tinha 31 anos, pertencia à Companhia de Teatro Baal 17, de Serpa, onde era actor, encenador e produtor, para além de



desempenhar funções de programador cultural na Câmara Municipal de Serpa. Natural de Portalegre, formou-se na escola de actores do Centro Dramático de Évora, em 1998. Trabalhou no Teatro Nacional de S. João, no Porto, até se fixar, no ano de 2000, em Serpa, onde residia.

Participou numa dezena

de espectáculos da Baal 17, enquanto actor, tendo encenado dois, o último dos quais sobre a obra do poeta Ary dos Santos. Foi um dos criadores do festival Noites na Nora, da Baal 17, e importante dinamizador dos Encontros de Cultura de Serpa e da Rede Internacional de Municípios pela Cultura, iniciativas da Câmara Municipal. Era militante do PCP, pertencendo à Comissão Executiva da Concelhia de Serpa. ▶

HISTORIADOR DESPEDIU-SE DA VIDA CIENTÍFICA NUMA CERIMÓNIA EM MÉRTOLA

Mattoso confia casa ao CAM

Embora os amigos não acreditem que seja definitivo, neles incluído o ministro da Ciência, Mariano Gago, o historiador José Mattoso assumiu publicamente esta quarta-feira, 14, a sua despedida da actividade científica. Fê-lo em Mértola, concelho onde reside há mais de uma década, e no âmbito de numa cerimónia de homenagem organizada pelo Campo Arqueológico de Mértola (CAM), instituição à qual decidiu confiar a sua casa, na propriedade Horta da Malhadinha, e a sua biblioteca pessoal. Uma doação, sublinhou, que "não estabelece condições", a não ser a de que o espólio se torne "útil, fecundo e até exigente". Na sessão informal, introduzida por Cláudio Torres, director do CAM, José Mattoso disse ter encontrado uma forma de "reconhecer o valor do trabalho de investigação que o CAM tem realizado e de contribuir para que esse trabalho se desenvolva e se renove".

O acto é também simbólico da complementaridade entre as duas áreas científicas representadas pelos dois prémios Pessoa (José Mattoso, em 1987, e Cláudio Torres, em 1991), nomeadamente a arqueologia medieval no Sul, num contexto de



Homenagem José Mattoso com Mariano Gago e Cláudio Torres

cultura islâmica, e a história baseada nos testemunhos escritos, sobretudo no norte e centro do País, num contexto de cultura cristã. Associadas, "propiciam um estudo integrado de dois campos que até há pouco se consideravam opostos por uma relação irreconciliável, como se fosse necessário eliminar o Islão para Portugal existir", disse o homenageado.

José Mattoso criticou ainda a política de "abandono" do actual Governo face às ciências sociais, área em que se tende a

ser menos "exigente e rigoroso". Mariano Gago reconheceu os critérios "tecnicistas" e "burocráticos" que orientam o meio académico nacional, um problema que "atravessa todas as ciências", humanas e exactas. O rigor científico, concluiu, é em última instância um "valor moral" e José Mattoso tem-no demonstrado em toda a sua vida, científica e cívica, nomeadamente através desta doação "sem condições", prova de uma "grandeza de alma muito rara". ▶

PUB



Há telefonemas que podem mudar a sua vida... para melhor.



Im: Diário do Alentejo, 16/05/2008.